

Aula 3

PELA POSSIBILIDADE DE UMA NOVA HISTÓRIA “DOS OUTROS”

META

Demonstrar a possibilidade de se reescrever a história com a participação dos personagens “comuns”.

OBJETIVOS

Ao estudar esta lição o(a) aluno(a) deverá:
compreender por que a história oficial precisa ser questionada

PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado as aulas 01 e 02.

Antônio Lindvaldo Sousa

INTRODUÇÃO

Olá, caro aluno, querida aluna! Você conhece um pouco da História de Sergipe? Já teve a oportunidade de folhear algumas obras sobre a sua cidade, por exemplo? Conhece algum autor?

Nesta aula, iremos falar mais da história da nossa história escrita, conhecida como historiografia.

Ver glossário no final da Aula

O professor **José Calazans Brandão da Silva**, em *Uma Introdução à Historiografia Sergipana* (1973), aponta a existência de um maior volume de trabalhos de História de Sergipe numa determinada temática, enquanto em outras há um quase silêncio. Para ele, “há muito que fazer no campo de nossa historiografia. Certas áreas do saber histórico jamais foram desvendadas, outras, apenas mui rapidamente olhadas” (CALAZANS, 1973, p. 37).



Vista parcial do acervo do PDPH-DHI-UFS.

OUTRA HISTÓRIA

A história de Sergipe ainda se pauta prioritariamente pela história política institucional e econômica. As raras exceções começam a aparecer, paulatinamente, com as monografias, dissertações e teses de doutorado em História e áreas afins. Todavia, essa nova produção, ainda não publicada, “dorme em berço esplêndido” nas estantes dos acervos da Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe, do **PDPH** – Programa de Documentação e Pesquisa Histórica do Departamento de História da UFS –, nas bibliotecas particulares dos professores, ou em outros acervos de instituições de ensino e de pesquisa. Poucos desses trabalhos acadêmicos chegam a ser publicados.

Ver glossário no final da Aula

Na temática da cultura negra, indígena e dos mestiços, por exemplo, há menos produção ainda. O cotidiano dos homens e mulheres brancos e pobres é citado nos temas mais gerais de História de Sergipe, aparecendo mais como dados estatísticos ou como notas secundárias a um tema central. Da mesma maneira, podemos dizer que pouco se estudam os sujeitos anônimos de nossa história. Nossa historiografia pouco se inseriu nos novos domínios da história, especialmente da História Cultural.

Constam no acervo do PDPH 396 monografias de conclusão de curso em Licenciatura em História, sendo 192 dos alunos do PQD - Programa de Qualificação Docente e 204 dos alunos do curso de licenciatura do Campus de São Cristóvão. (Dados de Agosto/2007)

Raras contribuições existem sobre a cultura negra em Sergipe, não restam dúvidas. Um trabalho importante é o livro *Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil* (1988), da professora **Beatriz Góis Dantas**. Nesse livro, a autora faz um excelente enfoque sobre a mãe Bilina, uma porta-voz da tradição africana em Laranjeiras. É um trabalho de antropologia que envereda por uma discussão da questão da “pureza”, ou não, dos cultos africanos no Brasil, a partir de um exemplo local, da região da Cotinguiba, especificamente Laranjeiras, importante micro-região produtora de açúcar em Sergipe no século XIX. Todavia, mesmo contando com a valiosa contribuição desse livro, falta mais material editado de outros temas, como: quais as outras mães de santos? Como funcionavam as irmandades de negros e pardos? Quais os modos de vida das famílias negras? Como funcionavam os mocambos na zona da mata e no agreste? Quais outros porta-vozes das tradições afro-brasileiras em Sergipe? Quais os rituais, danças, **folguedos**? E os imaginários, visões de mundo, **cosmovisões**, utopias de homens e mulheres comuns?



Lambe-sujo e caboclinhos - Foto de Christiane Falcão (Fonte: http://www.overmundo.com.br/_overblog/img/1160453203_para_overmundo.jpg).

Como você pode ver, os questionamentos são muitos, mas a bibliografia é pouca. A saída seria voltar-se para os temas tradicionais da historiografia sergipana – a história política, institucional e econômica - e não desvendar outros? Possivelmente esta não é uma alternativa mais condizente quando se trata do conhecimento produzido numa academia. Os historiadores profissionais devem ampliar o campo da historiografia, oferecendo novos objetos de estudos, ampliando as abordagens metodológicas e não se descuidando do uso das fontes. Acreditamos que o desafio proposto pelo professor Calazans deve ser seguido ao pé da letra. Como ele se referiu, há muito que fazer no campo de nossa historiografia. Precisamos desvendar outras áreas do saber histórico.

OS “HERÓIS” AINDA INVADEM UMA CERTA HISTORIOGRAFIA

Um dos nossos desafios é focar temas da História de Sergipe, não somente a partir de uma história oficial que privilegia os grandes eventos e as pessoas “importantes”. Muitos textos sobre vultos da nossa história aparecem quase semanalmente nos jornais de Sergipe. É positivo esse fôlego dos nossos estudiosos do passado sergipano. Eles demonstram o quanto ainda está vivo na nossa historiografia o gosto por personagens heróicos que, sozinhos, parecem ter transformado o tempo em que viviam. Exemplos disso são os artigos do *Jornal da Cidade*, publicados em 2007: Dr. Eronildes de Carvalho, de autoria de Lauro Rocha de Lima (*Jornal da Cidade*, Aracaju, sábado, 03 fev. 2007, Opinião, B-8); *Em Louvor do Pastor*, de Hugo Costa (*Jornal da Cidade*, Aracaju, 11 e 12 fev. 2007, Opinião, B0-10); Dona Gina, de Carlos Rodrigues Porto da Cruz (*Jornal da Cidade*, Aracaju, 10 mar. 2007, Opinião, B-6); Leite Neto, o estadista sem a oportunidade maior, de

Manuel Cabral Machado (Jornal da Cidade, Aracaju, 15 mar. 2007, Opinião, B-6) e Bicentenário de Tamandaré, por Joset Mendonça (Jornal da Cidade, Aracaju, 23 mar. 2007, Opinião, B-6).

Os pesquisadores acima parecem reservar um lugar em um banquete onde figuras heroínas do passado sergipano ficam eternamente se confraternizando. Esses mesmos pesquisadores, de igual forma, parecem convencidos das razões por que escolheram o seu herói. Manuel Cabral Machado, por exemplo, reserva a cadeira de Leite Neto e não faz rodeios sobre os motivos por que o escolheu a se fartar no banquete de “ilustres”. “Por ocasião do centenário do seu nascimento quero prestar-lhe o meu testemunho de grandeza de sua vida e do admirável homem público que fora”, diz Machado. Leite Neto, portanto, aparece como um homem extraordinário. Suas façanhas devem ser lembradas. Sua memória não deve ser esquecida pelos sergipanos.

Não diferente sucedeu com D. Gina, a senhora Maria Virgínia Franco, esposa do ex-governador Augusto Franco, no artigo assinado por Carlos Rodrigues Porto da Cruz. Segundo Cruz, havia “algo de especial na personalidade dessa grande mulher”. Mais adiante, nesse mesmo artigo, o autor acrescenta: “no palácio do governo, os funcionários mais humildes tinham essa bondosa senhora como um verdadeiro ‘anjo da guarda’. Nas angústias e necessidades recorriam sempre ao coração generoso de D. Gina”.

O ex-governador de Sergipe, Eronildes de Carvalho, também teve lugar garantido no banquete dos heróis do passado sergipano no artigo de Lauro Rocha de Lima. “O seu período de Governo e Intervenção é comparado ao dos grandes governadores, superando o de Graccho Cardoso, na década de 20 do século XX, lembrado pela posteridade como o grande gestor público do Estado”, escreveu Lima. Concluindo o artigo, o autor exalta mais ainda o seu escolhido: “Morreu em 18 de março de 1969, no Rio de Janeiro, onde está sepultado, deixando para a posteridade o exemplo de homem digno e honrado, ainda hoje lembrado pelas gerações posteriores, por ter prestado serviço ao seu Estado e à humanidade como um todo”. Carvalho não é somente um herói de Sergipe na escrita de Lima. O talento do próprio estadista o transforma num benfeitor da humanidade.

A escolha do que e de como deve ser lembrado passa inevitavelmente por aquilo que deve ser esquecido (cf. Félix, 1998). Recordar-se, de um lado,



Monsenhor Olímpio Campos. (Foto: Gerri Sherlock)

o grande, o melhor, o estadista, o bondoso e, conseqüentemente, os atos extraordinários, grandiosos e os gestos de bondade e caridade. Por outro lado, esquecem-se os fatos ordinários, menos grandiosos, os momentos de conflitos e/ou confrontos. Menos enxerga-se o tecido social, o mundo simbólico compartilhado do sujeito, ou seja, o tempo do qual ele faz parte. Homens e mulheres comuns praticamente inexistem. Alguns comuns aparecem como ajudados pelos heróis. Assim, esses escritores desejam que o presente relembra o passado do homem herói, digno de um lugar privilegiado na história. Acreditam que a história vivida na atualidade deve ser imitada com os feitos dos homens do passado. A reserva do lugar do herói no banquete é uma ação do sujeito/escritor no seu tempo e para a posteridade.

O esquecimento do conflito, do confronto, é o esquecimento da dor, dos momentos menos agradáveis. É para debaixo do tapete que vão as contradições do homem de carne e osso. Um ex-governador do Estado, o dr. Eronildes de Carvalho, por exemplo, não aparece em suas contradições como humano. Esquecendo o humano que há nele, os pesquisadores esquecem os outros, os que provocaram as contradições, os confrontos e conflitos.

A POSSIBILIDADE DE UMA OUTRA HISTÓRIA

Retornemos à frase: esquecer os outros faz parte da mesma ação de lembrar alguém. Por que um extraordinário deve ser lembrado e um ordinário esquecido? Por que enxergar somente o homem em si e esquecer o tempo em que ele está mergulhado, as pessoas com quem conviveu, o mundo simbólico em que interagiu? Em outras palavras, por que os outros são anulados ou colocados à margem? E o que dizer quando esses outros são negros, índios, mestiços, homens e mulheres comuns, porta-vozes das tradições culturais afro-brasileiras ou indígenas? Esquecê-los porque não há fontes, não há registro de seus feitos?

A historiadora **Maria Odila L. da S. Dias** (1984), no livro *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*, diz que a história do cotidiano, dos personagens anônimos, perde-se antes por esquecimento da parte do historiador do que por efetiva ausência de “documentação”. “É verdade que as informações se escondem, ralas e fragmentadas, nas entrelinhas dos documentos” – diz Odila – “trata-se de reunir dados muito dispersos e de esmiuçar o implícito” (DIAS, 1984, p. 7). Uma carta de um jesuíta, enaltecendo uma missão numa determinada localidade, por exemplo, possivelmente, mesmo sendo documento “oficial”, nos leva ao entendimento de aspectos da cultura do índio.

A releitura de alguns textos impressos da historiografia sergipana tradicional, como os livros *Sergipe Colonial I* e *Sergipe Colonial II*, de Maria Thetis Nunes, serve como um caminho complementar do documento con-

Ver glossário no final da Aula

siderado oficial. A professora Thetis denomina o capítulo VIII de Sergipe Colonial I de “O índio na formação sergipana”. Esse texto não foge do mesmo padrão das demais produções dessa professora. Todavia, podemos perceber sua importância na compreensão de aspectos da vida dos índios em Sergipe, encontrando nesse texto as resistências, as sociabilidades, as religiosidades etc.

A professora Thetis Nunes, em suas obras, opta por uma escrita narrativa, quase sempre sem apresentação de uma problematização e revisão da literatura.

Não poderia ser diferente com o uso dos livros História de Sergipe e História Territorial em Sergipe de Felisbela Freire. Outros textos poderiam ser citados nesta aula para reforçar as alternativas do trabalho com a cultura do índio no ensino da História de Sergipe. Em cada um deles, olhando de forma diferente, podemos descobrir os ditos e não ditos sobre os índios em Sergipe nesses livros. A sensibilidade talvez seja uma peça central nessa empreitada.

Sabemos poucas informações dos nossos primeiros habitantes. É necessário contarmos sua história antes da chegada dos conquistadores ao território sergipano. Como era o modo de vida dos índios em Sergipe? Havia uma homogeneização de sua cultura? Será que podemos falar de uma cultura indígena?

CONCLUSÃO

Caro aluno ou querida aluna: verificamos que a história oficial privilegia sempre ou as grandes personalidades políticas ou os homens e mulheres de destaque em áreas empresariais e de entretenimento. Esse tipo de história deixa à margem as pessoas comuns.



Capas de livros da historiadora maria Thetis Nunes.



RESUMO

Inicialmente nós acompanhamos a forma como os nossos historiadores trataram questões relacionadas com os negros e índios. Verificamos como os trabalhos científicos que fogem ao modelo padronizado são esquecidos nas bibliotecas das universidades, sem nunca conseguirem um patrocínio para publicação. Tudo isso é devido à carência de que se faça uma nova historiografia, em que apareça uma variedade de sujeitos históricos representativos dos diversos segmentos sociais.



ATIVIDADES

Escreva, em 04 páginas, papel A4, espaço 1,5 e letras de tamanho 12, uma história de pessoas comuns no seu município.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Hugo. **Em louvor do pastor**. Jornal da Cidade, Aracaju, 11 e 12 fev. 2007, Opinião, B0-10.
- CRUZ, Carlos Rodrigues **Porto da. Dona Gina**. Jornal da Cidade, 10 mar. 2007, Opinião, B-6.
- DANTAS, Maria Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco**: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- FELIX, Loiva Otero. **História e memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- FREIRE, Felisbelo. **História de Sergipe**. 2 ed. Petrópolis: Vozes/Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1997.
- _____. **História territorial de Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe/Secretaria de Estado de Cultura/FUNDEPAH, 1995.
- LIMA, Lauro Rocha. **Dr. Eronides de Carvalho**. Jornal da Cidade, Aracaju, 03 fev. 2007, Opinião, B-8.
- MACHADO, Manuel Cabral. **Leite Neto, o estadista sem a oportunidade maior**. Jornal da Cidade, Aracaju, 15 mar. 2007, Opinião, B-6.

MENDONÇA, JOSET. **Bicentenário de Tamandaré**. Jornal da Cidade, Aracaju, 23 mar. 2007, Opinião, B-6.

MICELI, Paulo. **O mito do herói nacional**. São Paulo: Contexto, 1988.

NUNES, Maria Thetis. **O historiador, professor José Calazans**. Informe UFS, ano XI. n. 394, p. 6, 04 dez. 2006.

SILVA, José Calasans Brandão da. **Introdução ao estudo da Historiografia sergipana**. V Simpósio do Nordeste – Aracaju, ago. 1973.

GLÓSSARIO



José Calazans: A professora Thetis Nunes refere-se a Calazans como aquele que “fez ressurgir o interesse pela História de Sergipe que desaparecera após a morte de Carvalho Lima Junior, Manuel dos Passos, Clodomir Silva, Armindo Guaraná, entre outros historiadores do passado de Sergipe” (NUNES, 2006, p. 6).

PDPH: Programa de Documentação e Pesquisa Histórica, do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. É responsável pela guarda, preservação e divulgação de documentos e pesquisas sobre a história de Sergipe.



Beatriz Góis Dantas: Antropóloga sergipana. Professora aposentada da Universidade Federal de Sergipe. Autora de *Vovó Nagô* e *Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*.

Folguedos: Folgança, brincadeira.

Cosmovisões: Concepções de mundo.



Ma. Odila L. da S. Dias: Historiadora paulista. Professora Titular da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Concentrou suas pesquisas em História do Brasil Império.